

A REAL IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS METODOLÓGICAS E GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Carla Guth Bach¹

Dilva Bertoldi Benvenuti²

RESUMO

O presente artigo busca elencar a relação dos gêneros textuais, leitura e escrita como prática metodológica no processo de ensino e aprendizagem dos anos iniciais da Educação Básica. Aprofundar conhecimentos que abordam o contexto da leitura e escrita, construindo sua real importância para a educação em constantes transformações e modernizações. Faz-se necessário pensar em desenvolver o gosto pela leitura de forma a contribuir para a formação de cidadãos mais participativos e atuantes na realidade social em que estão inseridas. O grande objetivo com a pesquisa é promover reflexões sobre as contribuições dos gêneros textuais para a efetivação do aprendizado no contexto escolar. Bem como, confrontar teorias e práticas relacionadas à construção do conhecimento adquirido com a utilização dos gêneros textuais como recurso didático e, rever as abordagens significativas na utilização dos gêneros textuais buscando entender as dificuldades de aprendizagem relacionada à leitura e escrita. Os problemas pelos quais passam os sistemas de ensino no país não são poucos, mas há possibilidade de romper paradigmas e de construir outro conceito de educação. O estudo dos gêneros textuais visa contribuir para a formação de leitores e desenvolvimento da capacidade escrita, possibilitando condições de interpretar o mundo a sua volta de maneira crítica e criativa. A didática voltada para a aplicação dos conteúdos é um fator importante nesse processo. Diante disso, com base nas relações de gêneros textuais, podem-se aproximar as questões teóricas a realidade do educando tornando prazeroso o processo educacional.

Palavras-chave: Práticas metodológicas. Gêneros Textuais. Leitura. Escrita. Aprendizagem.

¹ Graduada em Pedagogia e graduanda em pós-graduação-Práticas Pedagógicas Interdisciplinares e Garantia de Direitos – Unoesc, campus de São Miguel do Oeste e Maravilha .carla_guba@hotmail.com

² Mestre em Educação, Doutoranda em Educação nas Ciências (UNIJUL/RS) - professora do Curso de Pedagogia da Unoesc- campus de São Miguel do Oeste e Maravilha. dilva.benvenuti@unoesc.edu.br

1 REFLEXÕES INICIAIS

A presente pesquisa tem por objetivo compreender como os gêneros textuais vêm ganhando espaço no universo escolar como conteúdo curricular sendo explorado e promovido por professores e instrumentos didáticos. Os diferentes gêneros estão relacionados ao processo de leitura e escrita, sua junção é notável e necessária para a efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

Através desta relação ampla e diagnóstica, busca-se elencar o que um assunto contempla em relação ao outro e, conseqüentemente o que os integram objetivando assim o sentido deste trabalho ao qual, a partir de diversos conceitos teóricos se justifica o tema, ou seja, a importância de se pensar em práticas metodológicas, que através dos gêneros textuais possam evidenciar a concretização da leitura e certamente escrita no processo de aprendizagem escolar. No qual, tem se desenvolvido devido às oportunidades cedidas aos indivíduos de aprenderem a partir da escolarização.

Neste aspecto podemos afirmar que atualmente esta assim, sabe ler, mas não compreende. Escreve, mas comete erros básicos de ortografia. A dificuldade na leitura e escrita parece ser um problema universal na Educação. O fato de estar matriculado ou de frequentar rigorosamente as aulas não significa dizer que o estudante sabe ler e escrever como deveria. Essa deficiência tem sido notória no que diz respeito ao assunto de educação no Brasil.

Podemos dizer que não existe solução mágica para melhorar esse cenário. A Alfabetização das crianças não pode ser considerada uma simples decodificação da língua, é preciso proporcionar a visão crítica, entender os usos sociais da língua. As crianças precisam entender o que estão lendo e escrevendo. O processo começa na Educação infantil, as crianças precisam ser colocadas em contato com o mundo da escrita. O que falta mesmo é o acesso ao texto de qualidade. Faltam bibliotecas nas Escolas, ou se tem livros, não são usados. É preciso fazer uma formação que leve em conta a didática, e priorizar metodologias que possam melhorar o processo educacional em todo o contexto.

Neste aspecto ressaltamos que, a leitura é um dos requisitos básicos para o cidadão. A escola tem como propósito possibilitar a ampliação de conhecimentos essenciais para que o educando tenha condições de atuar no meio em que vive. Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno. Não basta identificar as palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar e internalizar o que for significativo.

Uma das metodologias de ensino que pode contribuir é o ensinar por meio de estudos referentes aos gêneros textuais que, não somente auxiliam, mas produzem o ensino da leitura e escrita no decorrer da aprendizagem. Os gêneros textuais são conteúdos presentes no currículo educacional. Normalmente presentes em aulas de Língua Portuguesa. No entanto, assuntos em diferentes formas textuais e, conteúdos pertinentes a outras disciplinas se integram. Textos são instrumentos que geram aprendizado, escritos de diversas maneiras, que necessitam ser lido para então ser interpretados, e assim haver o processo de ensino em construção.

2 LEITURA COMO FUNÇÃO SOCIAL

A leitura proporciona ao leitor aprimorar seu caráter, sua personalidade, criatividade, e imaginação podendo tornar-se leitor com opinião própria apto a exercer a cidadania consciente da realidade social onde está inserida, pois cria e interpreta de sua maneira, construindo novos conceitos sejam eles cognitivos, intelectuais, emocionais ou sociais.

A leitura é um das práticas de linguagem mais comuns e eficazes usados em sala de aula. Mas antes de tudo é necessário sabermos o que é a leitura e qual sua função social.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1998, p. 41)

Saber ler e perceber aquilo que nos rodeia, é sem sombra de dúvidas importante para a formação de bons leitores. A leitura de mundo, não só precede a leitura das palavras, mas também nos acompanha por toda vida. Ler não é somente decodificar e converter letras em sons. Por esse motivo, é muito comum encontrar leitores com grande capacidade para decodificar qualquer texto, mas com grande dificuldade na hora de interpretar o que lêem.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 42):

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. (...) Os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons para aprender a ler: têm servido

apenas para ensinar a decodificar, contribuindo para que o aluno construa uma visão empobrecida da leitura.

Saber interpretar um texto requer muito mais do que apenas explicar o que leu e qual o sentido do texto. Uma boa interpretação é bem maior do que imaginamos ou, em certos momentos até interpretamos. Segundo a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) Interpretar bem um texto não significa encontrar nele apenas o que o sujeito-leitor enxerga a partir dos recortes que sua visão de mundo faz, mas também ser capaz de levantar marcas deste texto, mostrando possíveis intenções do autor, gênero, escola literária, momento político, ideologia vigente ou até mesmo, do pensamento filosófico predominante. Para interpretar bem um texto o leitor deve entrar na linguagem que constitui o texto literário.

A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se lê em voz alta. Isso não significa que na escola não se possa eventualmente responder a perguntas sobre a leitura, de vez em quando desenhar o que o texto lido sugere, ou ler em voz alta quando necessário. No entanto, uma prática constante de leitura não significa a repetição infundável dessas atividades escolares. (BRASIL, 1998 p. 43)

De acordo com Geraldi (2013, pg. 15) não é possível aprender a ler sem ter contato com textos, seja esse contato individual ou coletivo. “Não é o professor que ensina, é o aluno que aprende ao descobrir por si a magia e o encanto da literatura. Mediar este processo de descobertas é o papel do professor, que só pode fazê-lo também ele como leitor”.

Segundo Bakhtin (1988, pg 90), a língua é um fato social, cuja existência provém da necessidade de comunicação, portanto, é mais do que um código e esta em contínua mudança. É a prática da linguagem, como discurso, como produção social, é posta a serviço da intenção comunicativa. Evoluindo historicamente.

2.1 RELAÇÕES ENTRE LEITURA E ESCRITA

A comunicação é uma grande relação social. Ao comunicarmos acabamos expressando muito de nossa cultura e de nossos conhecimentos, refletindo efetivamente no que se diz e no que escreve. Assim sendo, a leitura e a escrita são grandes aliados para a construção dessa comunicação. Como educadores devemos incentivar e apresentar as mais diversas formas de produções com o objetivo de contribuir para esse processo de aprendizagem.

Devido a todas as representações linguísticas diagnosticadas no decorrer do desenvolvimento cognitivo humano, podemos destacar segundo Cocco e Hailer, (1996, p. 13), que:

O indivíduo humano [...] interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento.

Por isso, tanto a leitura em forma de linguagem quanto a escrita são de grande importância, bem como, rever os diversos aspectos que a constituíram no decorrer do tempo, onde passaram também por grandes evoluções que só vieram a contribuir para as formas padrões de linguagens atuais. E como consequência disso, tivemos um grande progresso em todos os aspectos educacionais que desenvolveram tanto conhecimentos de mundo quanto saberes científicos.

A escrita e a produção de textos de vários gêneros é uma das principais aliadas da leitura. Porém, alguns textos trabalhados na escola parecem ser pouco convincentes para ensinar algo que seja significativo para os alunos.

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005), o texto como objeto empírico, manifesta-se como um conjunto de enunciados com certa configuração linguística e certa coerência, e emerge sempre em determinado momento e espaço; sua construção é condicionada a normas, que estabelecem determinado número de gêneros na comunidade considerada. Dessa forma, ele carrega as marcas da história cultural de um povo. Para a produção de um texto ocorre um processo de formulação subjetiva; as operações correspondentes só podem ser dominadas, na aprendizagem, de modo gradativo, na medida de sua funcionalidade em contextos de uso.

Para que uma criança, ou até mesmo adulto goste de escrever é necessário primeiramente à leitura. Se uma pessoa não gostar de ler, ou quase nunca lê, ela possivelmente terá dificuldades na escrita e produção textual. Pode-se dizer que não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Segundo Geraldi (1997, p. 15):

A produção textual é a base para todo o processo de ensino/aprendizagem da língua, visto que a língua é observada como objeto de estudo o que implica em uma relação

intersubjetiva construída no processo de enunciação. Nessa perspectiva “produção de textos e redação.

Distinguem-se, já que para produzir um texto é necessário que:

“Se tenha o que dizer”; “se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer”; “se tenha para quem dizer o que se tem a dizer”; “que o locutor se constitua como tal enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz”; “se escolham estratégias para a realização de todas as afirmações anteriores”.

Pois é perceptível que os textos produzidos na escola mostram que existe muita escrita e pouco texto. Leitura e escrita andam juntas, caminham de mãos dadas e precisam uma da outra, ambas se relacionam e se transformam mutuamente no processo de letramento. Apesar de serem apresentadas como dois sub-blocos, são necessários que se entenda que leitura e escrita são práticas complementares, a escrita transforma a fala, da mesma forma que a fala influencia a escrita. Essas práticas permitem que o aluno construa seu conhecimento sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e também sobre as circunstâncias de uso da escrita. Nos últimos anos várias pesquisas provocaram uma chamada revolução na maneira pela qual é construída e constituída a aprendizagem da escrita. Grande parte dessa revolução deve-se a forma como as crianças foram alfabetizadas.

Nos últimos anos foram feitas inúmeras pesquisas na área da aprendizagem da escrita, esses estudos, têm provocado uma revolução na forma de compreensão da construção desse conhecimento é construído. Hoje se entende que aprender a escrever envolve dois processos paralelos, que são: a compreensão da natureza do sistema de escrita da língua, conhecidos como aspectos notacionais, e o funcionamento da linguagem usada para escrever, chamada também de aspectos discursivos.

Compreendemos que é possível saber produzir textos sem saber grafá-los, da mesma maneira que é possível grafar sem saber produzir; o domínio da linguagem escrita se adquire muito mais pela leitura do que pela própria escrita, que não é possível aprender a ortografia antes de compreender o sistema alfabético de escrita, e principalmente, a escrita não é o espelho da fala.

2.2 A ESCOLA, A CRIANÇA E O APRENDIZADO

Concebemos a criança como um ser em constante transformação, sujeita ao tempo histórico em que está inserida e que por isso sofre influências do meio cultural no qual está arraigada, transformando-se, portanto, em um agente de sua cultura e de sua história. (Arena

2010).

Em virtude dessa concepção podemos dizer que o ambiente escolar como instituição permanente do saber pedagógico e as ações educacionais em seu todo, visam em seu processo de construção a busca pelo desenvolvimento intelectual, social e cultural do educando.

A escola nos possibilita desenvolvimento, e que a criança, ser do mundo, indivíduo social vai a ela para receber, construir e/ou desenvolver seus conhecimentos no decorrer da vida, ou seja, construir seu aprendizado.

O Referencial Curricular Nacional destaca assim a relação da criança com o mundo da qual faz parte, afirmando que:

O mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio social e natural no que vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Como integrantes de grupos socioculturais singulares, vivenciam experiências e interagem num contexto de conceitos, valores e idéias, objetos e representações sobre os mais diversos temas a que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que os cerca (BRASIL, 1998, p.163).

Neste aspecto, uma escola com qualidades sociais vai muito além de medidas legais e governamentais que a constituem. Pressupondo ressignificações ao seu decorrer, exigindo também educadores que inovam em suas práticas, revejam seus paradigmas, que possam garantir o sucesso educacional de seus alunos, uma vez que o direito á educação não se restringe apenas ao acesso escolar, mas sim, a permanência da criança na escola gerando construção e produção de novos conhecimentos.

Assim de acordo com Coelho (2000, p. 20):

A escola é, hoje, o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E , nesse espaço , privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consequência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente condição para a plena realidade do ser.

Visando as diversidades da prática pedagógica no cotidiano escolar onde o desenvolvimento das crianças não ocorre de maneira uniforme e sim depende sobretudo da aprendizagem que por sua vez é fortemente marcada pelas experiências culturais a que as crianças estão expostas desde o momento do nascimento, atualmente propõe-se novas possibilidades á estas práticas buscando transformar saberes antigos em novos.

Quando inserida em ambientes enriquecedores, instigantes e cheios de espaços para aprender, a criança segue avançando, o pensamento vai se estruturando a cada nova idéia elaborada, a cada experiência, na interação com discursos diversos que estimulam as crianças de ferramentas lingüísticas para a elaboração de modos de pensar cada vez mais complexos.

Para aprender não é preciso pré-requisitos, não é preciso conhecer o simples para chegar ao complexo, nem dominar o pequeno para alcançar o grande. A criança parte de onde está, entra no jogo de aprender com o que sabe, relacionando seus conhecimentos prévios e construindo idéias que se relacionam de alguma forma com os conceitos construídos pelos homens em relação ao ambiente, no campo das linguagens, no universo das idéias.

A aprendizagem escolar é estruturada conforme o método de exposição do conhecimento científico, mas o pensamento que um aluno desenvolve na atividade de aprendizagem tem algo em comum com o pensamento de cientistas que expõem o resultado de suas pesquisas, quando se utilizam abstrações, generalizações e conceitos teóricos. É verdade que não há uma identidade com o raciocínio dos cientistas, porque as crianças não criam conceitos, imagens, valores e normas, mas se apropriam delas no processo de aprendizagem.

Fazemos parte de uma sociedade letrada e, portanto, a leitura e a escrita estão presentes em todos os níveis educacionais e sociais. Cabe à escola a relevante tarefa de ensinar a ler e a escrever, por isso é necessário desenvolver uma política de leitura e de escrita que busque uma consciente formação leitora e produtora textual de crianças e jovens. Dentre os que escrevem com eficácia há sujeitos leitores de diferentes tipos e gêneros textuais.

Acreditamos que a escola se caracteriza como ambiente profícuo à formação de leitores e para tanto é necessário aprofundar as discussões sobre o trabalho com a leitura no ambiente escolar, propondo o desenvolvimento de práticas que possibilitem o uso de diversos gêneros que auxiliem na compreensão do texto e na formação de um leitor autônomo não somente na sala de aula, mas também fora dela.

De acordo com Paulo Freire (1992, p.76.)

Ler um texto é algo sério (...) é aprender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado. (...) Implica que o (a) leitor (a) se adentre na intimidade do texto para aprender sua mais profunda significação.

A leitura dos textos deve ser precedida de atividades que motivem os alunos a levantar questões a respeito de temáticas que fazem parte de seus interesses, devem ser relevantes a

aprendizagem, para que desta forma possa provocar debates, buscando assim, novos conhecimentos com o objetivo de enriquecer suas vivências, valores e atitudes.

Os textos podem e devem ser explorados em todos os seus aspectos para que propiciem o desenvolvimento da língua falada e escrita, como também conhecimentos que sejam significativos para a vida em sociedade.

Para um trabalho efetivo de leitura faz-se necessário que o educador leia e trabalhe com certa frequência diversos tipos de textos, como por exemplo, revistas, contos, livros, jornais, poemas, propagandas, logotipos conhecidos pelos alunos, canções, parlendas, rótulos de produtos, quadrinhas, correspondências, avisos, textos que se sabem de cor, etc...

Textos informativos e atuais também são importantes para ensinar aos alunos, pois além de deixá-los informados dos fatos que acontecem na sociedade, podem também aprender a utilizar a língua. Não se pode esquecer, porém, dos textos literários, que trabalham com símbolos, sentimentos e emoções, permitindo assim, a troca e o compartilhamento de vivências, ampliando a visão do homem e do mundo que o rodeia.

O educando pode ainda não saber ler e escrever, mas com seu conhecimento de mundo saberá identificar alguns elementos que o impulsionará a uma primeira leitura e, posteriormente, a interpretação do texto.

A aprendizagem da leitura é fundamental no processo de aquisição de conhecimento, tanto no nível da escola como fora dela. No mundo em que vivemos, a leitura é imprescindível. Para isso, devemos levar em conta que os hábitos culturais da sociedade não dependem apenas da instituição escolar e que as decisões neste âmbito devem basear-se em uma análise mais complexa do fenômeno e na colaboração de diferentes agentes sociais.

Nosso mundo se encontra cada vez mais globalizado e mais desigual ao mesmo tempo. No entanto, muitas crianças à margem do sistema social necessitam da palavra e das histórias para sobreviver. Alguém deve continuar dizendo quais palavras e que histórias podem exercer melhor essa missão e como se podem oferecer à infância. Essa seleção, essa mediação, é o que dá sentido ao trabalho profissional dessas distintas áreas, entre as quais a escola ocupa o lugar privilegiado.

Quando concebemos a linguagem enquanto interação entre sujeitos socialmente situados, o texto com sua variedade de gêneros torna-se fundamental nas aulas de Português. Entendendo o texto, faz-se necessário abordar metodologicamente as práticas de oralidade, leitura e escrita tanto pelo aluno quanto pelo professor. Nesse processo, o professor tem papel fundamental, quando se coloca como mediador do conhecimento, fazendo esse aluno se tornar

visível enquanto leitor e escritor de todos os gêneros textuais.

Conclui-se então que, durante o processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário o trabalho simultâneo com a oralidade, a leitura, a produção de textos e a análise linguística, para que os alunos possam compreender seu lugar como participante de sua história.

2.3 OS GÊNEROS TEXTUAIS E SUA FUNÇÃO PEDAGÓGICA

Os gêneros textuais são conteúdos curriculares trabalhados no período de escolarização dos indivíduos. Conteúdos normalmente ligados a disciplina de Língua Portuguesa, mas que também relacionam-se interdisciplinarmente tornando-se muito significativos para o processo de aquisição da aprendizagem, um grande mecanismo para o uso da leitura e exploração da escrita na sala de aula.

Como também, gênero textual é o nome dado as diferentes formas de linguagens que circulam na sociedade, como a língua se organiza para se manifestar nas mais diversas situações de comunicação, são a língua em constante uso. Os textos, orais ou escritos, que produzimos para nos comunicar, possuem um conjunto de características, e são estas características que determinarão seu gênero textual.

Considerando os gêneros textuais como verbais orais e escritos que resultam de enunciados produzidos em sociedade e, no âmbito do ensino e aprendizagem, são vias de acesso ao letramento, propõe-se que no ensino, as atenções estejam voltadas para os textos que encontramos em nossa vida diária. Sendo, ao mesmo tempo, um instrumento de comunicação e um objeto de aprendizagem. Assim, a concepção de gênero diz respeito à forma, ao conteúdo, aos propósitos comunicativos e ao percurso social. O gênero textual reflete todo o processo social envolvido na comunicação.

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 7) “os gêneros textuais são instrumentos culturais disponíveis nas interações sociais. São historicamente mutáveis e relativamente estáveis. Emergem em diferentes domínios discursivos e se concretizam em textos, que são singulares”.

Sabemos também que na escola, o estudo dos gêneros textuais passa por um processo de didatização da leitura, ou seja, no discurso didático o trabalho de ensinar, do professor, e o trabalho de assimilar, do aluno, constituem o trabalho de didatização. Isso contribuirá para o desenvolvimento da leitura e da produção de texto. Toda leitura é importante para o

indivíduo, mesmo antes de aprender a ler e escrever, este entra em contato com os mais diversos tipos e gêneros de textos diariamente.

Uma vez que, conforme Schneuwly e Dolz (2004, p. 25), o gênero é um instrumento socialmente construído, e a apropriação desse instrumento “não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais” significa que os diversos gêneros já fazem parte do nosso cotidiano sociocultural. No campo da escolarização, afinamos os mecanismos necessários para compreender as imbricações de um determinado texto, segundo o seu conteúdo, finalidade e as pretensões dos interlocutores envolvidos. Se o que se busca é a apropriação de saberes, ou a apropriação dos gêneros, é de grande importância compreender como as estratégias de didatização deste objeto são levadas a efeito, com vistas a possibilitar ao aluno a devida utilização deste objeto no seu meio social.

Para tanto, é necessário perceber a importância da mediação de um adulto no processo de ensino/ aprendizagem de uma criança. A linguagem utilizada por um adulto também é um importante elemento mediador na formação das crianças.

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (2005) o conceito de mediação é dirigido aos processos de desenvolvimento mental da criança, e associado sempre à linguagem, cujo papel é de fundamental importância nesse desenvolvimento; ao mesmo tempo, enfatiza-se que esse desenvolvimento é um processo sócio-histórico.

Para que o trabalho com produções textuais na escola seja eficaz, é necessário que o professor mediador ofereça condições para isso, através de atividades que envolvam a leitura, escrita, textos de diferentes gêneros e que ofereçam ao aluno capacidade para criar, produzir, reinventar ou recriar diversos gêneros textuais. Normalmente, a formação de escritores competentes supõe uma prática continuada de produção de textos na sala de aula, situações de produção de uma grande variedade de textos e também aproximação das condições de produção às circunstâncias nas quais se produzem esses textos. Diferentes objetivos exigem diferentes gêneros e estes, por sua vez, têm suas formas e características que precisam ser aprendidas.

Desta forma, cabe ao educador propor um trabalho com diferentes tipos de gêneros de texto em uma atividade seqüenciada, pois ao ter contato com a diversidade o aluno pode estabelecer uma maior interação com as especificidades e características dos textos escritos, por que:

Todo texto pertence a um determinado gênero, com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modelizador, servindo como fonte de referência, repertório textual. A

diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno. (BRASIL 1997, p 28)

Segundo Kaufman e Rodríguez (1995, p. 44) “ ter contato com essa diversidade de textos é, obviamente, uma via efetiva para melhorar a competência comunicativa das crianças”, pois o trabalho realizado com uma tipologia diferente de textos auxilia o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita.

Com relação aos conhecimentos linguísticos como um todo vale lembrar Rocha (2002), para quem os exercícios de Língua Portuguesa devem constar de uma prática de leitura, exercícios em língua padrão e prática de escrita. O texto servirá de material de leitura e deve ser o “ elemento motivador de toda uma lição” (Rocha 2002, p 127); já os exercícios em língua padrão, aspectos formais do português, como ortografia e gramática, devem se valer de elementos do texto.

Assim, o aluno usará dos conhecimentos adquiridos e os colocará em prática na sua produção escrita, fazendo com que, as crianças possam refletir e compreender como as unidades da língua funcionam na construção de textos e que efeitos seus usos acarretam nos textos lidos e conseqüentemente nos documentos escritos por elas. Como já apontamos, leitura, produção textual, conhecimentos linguísticos e oralidade são componentes do ensino de língua materna que demandam, na nossa concepção, o trabalho de forma integrada, harmônica, complementar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os gêneros textuais possuem papel fundamental nesse contexto educacional. Sendo fator importante e significativo, meio metodológico para evidenciar as atividades práticas na sala de aula, conteúdo cotidiano efetivo no processo de apropriação da aprendizagem.

Conhecer os diferentes gêneros textuais contribuirá para o conhecimento de diversas formas de escrita, aprimorando a leitura. Como também, o desenvolvimento intelectual para realizarem as próprias produções. Conseguindo expressar conhecimentos sem perder a magia e o encanto que os textos nos permitem.

Assim faz-se necessário conhecê-los, entender que sua utilização é importante para o aperfeiçoamento da prática pedagógica. Precisamos trazê-los para a sala de aula para que os educandos conheçam e também os produzam.

Deste modo, a linguagem e o trabalho pedagógico na área de língua impõem um alto nível de exigência para o profissional. Que o professor ensine práticas variadas de produção e compreensão de gêneros orais e escritos. A transformação das práticas de ensino da língua portuguesa merece, a nosso ver, uma atenção maior por parte dos que fazem e discutem as políticas de formação/atuação dos profissionais envolvidos nesse segmento de escolarização.

De acordo com Brasil (1998) tem sido um dos pontos centrais nas discussões acerca da melhoria da Educação Básica. Nos dias de hoje, é notável que muita coisa já progrediu, entretanto ainda é necessário que muito se melhore no que se refere ao processo de ensino. As condições atuais da língua portuguesa permitem repensar sobre o ensino da leitura e da escrita considerando não só o conhecimento didático acumulado, mas também as contribuições interdisciplinares e conteúdos que podem elevar a capacidade de cada aluno.

De fato, é importante salientar que o ensino da língua portuguesa melhorou significativamente, o que também contribuiu para esse que isso acontecesse, foi o avanço no conhecimento das áreas afins tornarem possível a compreensão do papel da escola no desenvolvimento de uma aprendizagem.

É possível elaborarmos instrumentos capazes de lançar em um grande número de professores uma transformação em profundidade das práticas de sua classe, desenvolver projetos em busca de uma pedagogia da escrita. Com objetivos de aprendizagem que atinjam os alunos durante seu processo de escolarização.

Finalmente, parece-nos essencial que as crianças descubram que existe um mundo da escrita. É preciso que as crianças sejam capazes de representar a si mesmas por encaminhamentos que chegaram até ela: uma crônica, uma receita de doce, uma regra de jogo, um cartaz, uma carta, etc. Que tenham consciência, como leitoras, mas também como produtoras de textos, que existe uma grande variedade de possibilidades tipográficas, de gêneros (jornais, revistas, livros, etc.) e que o mundo não se limita a simples folhas xerocadas ou manuscritas.

Portanto, o trabalho mais importante realizado pelo educador é motivar os educandos para o processo ensino-aprendizagem. Devendo levá-los ao prazer da própria aprendizagem. Constatar que o ato de gostar de ler resulta em produzir textos com maior afinco. As leituras na escola contribuem para a escrita dos mais variados tipos de textos.

Então, devemos compreender que escrever vai muito além do puro e simples ato de fazê-lo. Aquilo que se escreve deve ser compreendido e deve ser repleto de significados. Para que o educando desenvolva sua capacidade escrita, devem ser propiciadas condições de escrever, podendo ser ampliadas através de leituras.

Nesse sentido, o alfabetizador deve incentivar a leitura e a escrita em sala de aula. O professor alfabetizador deve organizar situações que sejam significativas, ou seja, situações reais para estimular e, conseqüentemente, facilitar a aprendizagem. Usando mecanismos atuais e conhecidos pelos educandos. Métodos em que em sua caminhada tiveram resultados positivos.

Somente assim, com amor pela educação, utilização de metodologias diferenciadas e com práticas significativas alcançaremos juntos um grande progresso nos níveis de aprendizagem em nossas crianças e escolas. Que assim consigamos despertar nos educandos o prazer da leitura e criatividade, vontade de escrever e construir um mundo melhor.

ABSTRACT

This article search list the relationship of textual genres, reading and writing as a methodological practice in teaching and learning process in the early years of basic education. Deepening knowledge that address the reading and writing context, building its real importance to education in constant transformation and modernization. It is necessary to think about developing a taste for reading in order to contribute to the formation of more participatory and active citizens in the social reality in which they operate. The major aim of the research is to promote reflections on the contributions of genres for effective learning in the school context. And confront theories and practices related to building the knowledge gained from the use of genres as a teaching resource and review the significant approaches in the use of textual genres seeking to understand the difficulties of learning related to reading and writing. The problems they pass the education systems in the country are not few, but there is possibility of breaking paradigms and build another concept of education. The study of genres aims to contribute to the formation of readers and writing capacity development, enabling able to interpret the world around them critically and creatively. The didactic focused on the application of content is an important factor in this process. Therefore, based on the relationships of genres, one can approximate the theoretical questions the reality of the student making the educational process pleasurable.

Key words: Methodological Practices. Textual Genres. Reading. Writing. Learning.

REFERÊNCIAS

- ARENA, D. **A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp Hucitec, 1988.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª séries**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental Brasília, MEC/SEF. 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CÓCCO, Maria F.; HAILER, Marco Antônio. **Didática da alfabetização: decifrar o mundo. Alfabetização e socioconstrutivismo**. São Paulo: FTD, 1996.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna. 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GERALDI, João Wanderley. “Unidade básicas do ensino de Português”, In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- KAUFMAN, Ana Maria e RODRÍGUEZ, María Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Gramática nunca mais – o estudo da língua padrão sem o estudo da gramática**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Língua Portuguesa**. Florianópolis: COGEN, 1998.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Literatura**. Florianópolis: COGEN, 1998.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.